

# **PISTAS**

## **DO MÉTODO DA CARTOGRAFIA**

---

a experiência da pesquisa  
e o plano comum

Volume 2

## **Conselho Editorial**

Alex Primo – UFRGS

Álvaro Nunes Lorangeira – UTP

Carla Rodrigues – PUC-RJ

Ciro Marcondes Filho – USP

Cristiane Freitas Gutfreind – PUCRS

Edgard de Assis Carvalho – PUC-SP

Erick Felinto – UERJ

J. Roberto Whitaker Penteado – ESPM

João Freire Filho – UFRJ

Juremir Machado da Silva – PUCRS

Marcelo Rubin de Lima – UFRGS

Maria Immacolata Vassallo de Lopes – USP

Michel Maffesoli – Paris V

Muniz Sodré – UFRJ

Philippe Joron – Montpellier III

Pierre le Quéau – Grenoble

Renato Janine Ribeiro – USP

Rose de Melo Rocha – ESPM

Sandra Mara Corazza – UFRGS

Sara Viola Rodrigues – UFRGS

Tania Mara Galli Fonseca – UFRGS

Vicente Molina Neto – UFRGS

# **PISTAS**

## **DO MÉTODO DA CARTOGRAFIA**

---

a experiência da pesquisa  
e o plano comum

Volume 2

Organizadores:

*Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e  
Silvia Tedesco*



*Editora Sulina*

© Organizadores, 2014

Capa: *Alexandre de Freitas, sobre litografia de Angelo Marzano*

Editoração: *Vânia Möller*

Revisão: *Matheus Gazzola Tussi*

Revisão gráfica: *Vânia Möller*

Editor: *Luis Antônio Paim Gomes*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação CIP  
Bibliotecária Responsável: Denise Mari de Andrade Souza – CRB 10/960

---

P679

Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum / organizado por Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Silvia Tedesco. -- Porto Alegre: Sulina, 2014.  
310 p. (v. 2)

ISBN: 978-85-205-0722-3

1. Psicanálise. 2. Filosofia. 3. Psicologia. I. Passos, Eduardo.  
II. Kastrup, Virgínia. III. Tedesco, Silvia.

CDU: 101  
159.964.2  
CDD: 150  
190

---

Todos os direitos desta edição reservados à  
Editora Meridional Ltda.  
Av. Osvaldo Aranha, 440 cj. 101 – Bom Fim  
Cep: 90035-190 Porto Alegre-RS  
Tel: (51) 3311-4082  
Fax: (51) 3264-4194  
[www.editorasulina.com.br](http://www.editorasulina.com.br)  
e-mail: [sulina@editorasulina.com.br](mailto:sulina@editorasulina.com.br)

Novembro/2014

IMPRESSO NO BRASIL/PRINTED IN BRAZIL

# SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO</b>
7	A experiência cartográfica e a abertura de novas pistas <i>Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Silvia Tedesco</i>
	<b>PISTA DO COMUM</b>
15	Cartografar é traçar um plano comum <i>Virgínia Kastrup e Eduardo Passos</i>
	<b>PISTA DA FORMAÇÃO</b>
42	A formação do cartógrafo é o mundo: corporificação e afetabilidade <i>Laura Pozzana</i>
	<b>PISTA DA CONFIANÇA</b>
66	O <i>ethos</i> da confiança na pesquisa cartográfica: experiência compartilhada e aumento da potência de agir <i>Christian Sade, Gustavo Cruz Ferraz e Jerusa Machado Rocha</i>
	<b>PISTA DA ENTREVISTA</b>
92	A entrevista na pesquisa cartográfica: a experiência do dizer <i>Silvia Helena Tedesco, Christian Sade e Luciana Vieira Caliman</i>
	<b>PISTA DA ATIVIDADE</b>
128	O trabalho do cartógrafo do ponto de vista da atividade <i>Maria Elizabeth Barros de Barros e Fábio Hebert da Silva</i>
	<b>PISTA QUALI-QUANTI</b>
153	O lugar do quantitativo na pesquisa cartográfica <i>Janaína Mariano César, Fábio Hebert da Silva e Pedro Paulo Gastalho de Bicalho</i>

175	<b>PISTA DA ANÁLISE</b> O problema da análise em pesquisa cartográfica <i>Letícia Maria Renault de Barros e Maria Elizabeth Barros de Barros</i>
203	<b>PISTA DA VALIDAÇÃO</b> Sobre a validação da pesquisa cartográfica: acesso à experiência, consistência e produção de efeitos <i>Eduardo Passos e Virgínia Kastrup</i>
238	<b>TRANSVERSALIDADES</b> Cartografia imaginada da Mangueira <i>Carmen Opirari e Sylvie Timbert</i>
260	As durações do devir: como construir objetos-problema com a cartografia <i>Tania Mara Galli Fonseca e Luis Artur Costa</i>
285	Jogo das perguntas: o modo operativo “AND” e o viver juntos sem ideias <i>Fernanda Eugénio e João Fiadeiro</i>
307	<b>SOBRE OS AUTORES</b>

# INTRODUÇÃO

## A EXPERIÊNCIA CARTOGRÁFICA E A ABERTURA DE NOVAS PISTAS

*Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Silvia Tedesco*

**A** pós quatro anos da publicação do livro *Pistas do Método da Cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade* (Editora Sulina, 2009, 2011, 2012), este segundo volume, *Pistas do Método da Cartografia: experiência da pesquisa e plano comum*, apresenta oito novas pistas que abordam alguns dos problemas já anunciados no volume 1 e outros que se colocaram após sua publicação. No primeiro caso estão incluídas as pistas sobre a formação do cartógrafo, a entrevista, o comum e a análise de dados. No segundo, destacam-se as pistas sobre a validação da pesquisa cartográfica, a confiança, a atividade e aquela que aborda a questão do qualitativo e do quantitativo na pesquisa cartográfica. A elaboração dos textos, desde a discussão da ideia até a construção do argumento e a escrita do artigo, seguiram, como no *Pistas 1*, um processo de criação coletiva. Resultaram de seminários mensais, ao longo de 2010, 2011 e 2012, realizados nos Programas de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro e da Universidade Federal Fluminense, reunindo professores e estudantes de ambas as instituições, assim como da Universidade Federal do Espírito Santo. Alguns são companheiros do primeiro livro; outros são pesquisadores parceiros. Alguns dos autores são ex-orientandos que hoje são nossos colegas, professores e pesquisadores em diferentes universidades.

Neste volume 2, contamos também com a presença de pesquisadores que foram convidados a pensar conosco o problema metodológico de pesquisar a experiência. Não tendo participado do processo de trabalho que o grupo da cartografia desenvolveu por três anos em encontros presenciais mensais de quatro horas, estes pesquisadores amigos enviaram-nos textos que atestam a capilarização desse modo de fazer pesquisa. Fernanda Eugênio e João Fiadeiro, ambos do AND\_Lab/Centro de Investigação Artística e Criatividade Científica/Portugal, Carmen Opipari, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Sylvie Timbert, da revista *Chimère*, Tania Mara Galli Fonseca, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e Luis Artur Costa, da Universidade Federal de Pelotas, trazem contribuições valiosas para o debate metodológico que queremos fazer no *Pistas 2*. Todos os textos que compõem este livro foram publicados na *Revista Fractal* do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense v. 25, n. 2 (2013).

Diversos intercessores nos acompanharam de perto nas discussões e nos textos que agora vêm a público. Como sempre, Gilles Deleuze e Félix Guattari estiveram muito próximos. O mesmo vale para Francisco Varela. A eles se juntaram Bruno Latour, Vinciane Despret, Suely Rolnik, Claire Petitmengin, François Julien, Daniel Stern, dentre outros.

Dando continuidade às ideias que marcam o método da cartografia, surge aqui com força maior o tema da experiência da pesquisa. A importância da experiência do pesquisar aponta sua inscrição no plano de forças, que constitui o plano de produção tanto do conhecimento quanto da realidade conhecida. Pesquisadores e pesquisados estão mergulhados na experiência. Isto afasta, muito claramente, a cartografia das metodologias de pesquisa pautadas apenas na informação – aí incluído o procedimento denominado “coleta”, bem como o processamento e a análise dos dados tomados como informações. Nesta medida, o método da cartografia se ancora em uma compreensão da cognição inventiva e em uma política cog-



nitiva criadora, reafirmando o seu afastamento da abordagem teórica e da política cognitiva da representação de um mundo supostamente dado.

Nesta direção, o método cartográfico não se define pelos procedimentos que adota, mas é uma atividade orientada por uma diretriz de natureza não propriamente epistemológica, mas ético-estético-política. Diversos procedimentos podem ser adotados no que concerne a técnicas de entrevistas, de análise de “dados”, estratégias qualitativas ou quantitativas – temas que foram desenvolvidos em três pistas importantes deste volume. Com tal proposição fica evidente que o método da cartografia é compatível e compõe com diferentes técnicas, estratégias e dispositivos de pesquisas existentes.

Distantes de pontos de vista que tomam a metodologia como conjunto de normas absolutas, prescrições técnicas e procedimentos imperativos, não falamos de regras fixas. A preocupação é a de construir pistas como indicações para a efetiva validade da investigação. Se, como já dissemos no livro *Pistas I*, o método da cartografia tem por efeito o acesso e a produção de multiplicidades, por outro, em sua própria constituição, ele é multiplicidade. Ou seja, o método cartográfico se apresenta como uma forma fluída, cujo contorno figurado é apenas suficiente para certo reconhecimento e distinção em relação a outras concepções de pesquisa, mas insuficiente para incluí-lo entre as formas fechadas dos modelos metodológicos orientados pelos pressupostos da representação. Sua prática guarda sempre uma dimensão avessa a unificações. No entanto, ao afirmar uma pesquisa que investiga a experiência a partir da experiência, é necessário sublinhar a posição firme do cartógrafo no que se refere à diretriz da investigação: o acesso/produção do plano de forças que responde pela criação/transformação de experiência.

Uma marca da atual coletânea é a presença de exemplos extraídos de pesquisas que têm praticado a cartografia. Com

eles, buscou-se dar concretude às ideias desenvolvidas nos textos. Com tal política de narratividade, procuramos mergulhar o leitor nos impasses e nas estratégias inventivas que emergem ao longo da experiência investigativa, que são sempre singulares.

O termo cartografia tem sido às vezes empregado para uma investigação preliminar, uma espécie de primeiro olhar de tipo impressionista, que poderia, num segundo momento, ser seguido com outros métodos tradicionais, supostamente mais rigorosos. Foi com o interesse de analisar este problema, bem como de elaborar ferramentas teórico-metodológicas que possam concorrer para a qualidade da pesquisa, que a pista da validação encontra lugar. A formação do cartógrafo foi outro problema que nos forçou a pensar. Evitando qualquer ideia de uma formação especializada por meio de cursos ou instituições criadas para este fim, era necessário pensar a produção de um corpo atento e sensível, aberto àquilo que põe problema. O acolhimento da surpresa e do imprevisto é indissociável da formação de uma política cognitiva.

Diferentes pistas tocam os problemas da participação. A pesquisa cartográfica foi muitas vezes assimilada ao conjunto das pesquisas participativas, o que é coerente e consistente com suas proposições. No entanto, percebemos o quanto a participação é um tema complexo e delicado, que não se cumpre ao nos propormos a “dar a voz” a subjetividades coletivas. A produção de um engajamento dos participantes, sua condição de atores e protagonistas de uma pesquisa, requer uma ética do cuidado e atitudes que beiram a clínica. As pistas da confiança e do traçado do plano comum trazem alguns pontos deste debate. Quanto à última, o tema do plano comum da experiência esteve presente na primeira coletânea, na pista do coletivo de forças. Neste volume buscamos avançar na discussão, abordando o desdobramento de sua ativação no que tange à produção de um mundo comum e heterogêneo.

Repetimos aqui a mesma aposta que nos impulsionava em 2009. Queremos continuar neste debate acerca dos desa-

fios da pesquisa que toma a experiência como objeto de interesse e assume as recalitrâncias dos diversos pontos de vista que concorrem e disputam sentido em uma pesquisa participativa. Colocar lado a lado pesquisador e pesquisado, sujeito e objeto, sujeito e sujeito, pesquisa e mundo considerando a força de interpelação e perturbação que esta atitude inclusiva provoca. Fazer de tal lateralidade menos um antagonismo do que a agonística que nos anima e força a pensar.

Iniciamos o livro com a pista *Cartografar é traçar um plano comum*, de Virgínia Kastrup e Eduardo Passos, no qual o comum é tratado em um duplo aspecto. Num primeiro, comenta-se o acesso ao plano comum. Com base em Gilles Deleuze e Felix Guattari, tal plano não é dito homogêneo nem reúne atores que manteriam entre si relações de identidade, mas opera comunicação entre singularidades, sendo pré-individual e coletivo. Num segundo aspecto, a pista aponta que, como pesquisa-intervenção, a cartografia se compromete com a criação de um mundo comum e heterogêneo. Busca evidenciar que o traçado do comum tem como diretriz metodológica a transversalidade e examina os procedimentos de participação, inclusão e tradução.

O processo de formação do cartógrafo é a pista analisada em *A formação do cartógrafo é o mundo: corporificação e afetabilidade*, de Laura Pozzana. Ao considerar a processualidade na produção de conhecimento, a formação se constitui como abertura atenta do corpo ao plano coletivo de forças em meio ao mundo. O aprendizado e a transformação do pesquisador se fazem no acompanhamento dos efeitos das ações da pesquisa e produzem habilidades e rigor ético.

A pista da confiança, *O ethos da confiança na pesquisa cartográfica: experiência compartilhada e aumento da potência de agir*, de Christian Sade, Gustavo Cruz Ferraz e Jerusa Machado Rocha, é ocasião para o exame mais detido do *ethos* na pesquisa cartográfica. A aposta é de que a confiança implica

a promoção da experiência compartilhada na pesquisa e serve à ampliação da potência de agir de seus participantes. Partindo de alguns exemplos empíricos, diferentes dispositivos que incorporam e fomentam uma relação de confiança são comentados no seu envolvimento na produção coletiva de conhecimento.

A quarta pista, *A entrevista na pesquisa cartográfica: a experiência do dizer*, de Sílvia Tedesco, Christian Sade e Luciana Caliman, é dedicada a um instrumento muito requisitado nas pesquisas da área das ciências humanas. O manejo da entrevista, segundo a perspectiva cartográfica, transforma-se em mais uma pista. No lugar de um modelo específico a ser aplicado, é proposto um *ethos* cartográfico como orientação geral. Afirma-se a entrevista como experiência compartilhada, estabelecida na relação entre signos e o mundo. Tendo como apoio exemplos empíricos, procedimentos são sugeridos na direção da abertura da experiência aos processos de criação.

A quinta pista, *O trabalho do cartógrafo do ponto de vista da atividade*, de Maria Elizabeth Barros de Barros e Fábio Hebert da Silva, discute a atividade do pesquisador a partir das contribuições das Clínicas do Trabalho. Estas indicam diretrizes úteis para pensar o trabalho do pesquisador-cartógrafo no contexto da análise da atividade. O desdobramento destas diretrizes leva à proposição de um gênero pesquisador-cartógrafo, constituído pelas atividades do cartógrafo sempre em vias de estilização.

A sexta pista, *O lugar do quantitativo na pesquisa cartográfica*, de Janaína Mariano César, Fábio Hebert da Silva e Pedro Paulo Gastalho de Bicalho, se propõe a discutir as noções de qualitativo e quantitativo. Distante da perspectiva dicotômica, estas noções são articuladas na direção ético-política de um plano de inseparabilidade entre formas e forças. A análise de dois casos de pesquisa, um teste psicológico e um questionário de medição de transtornos mentais leves, serve para problematizar os efeitos da operação do quantitativo como

uma das pistas do método da cartografia: a noção de quantitativo como *quantum* de forças e do qualitativo como diferencial entre *quanta* de forças, imiscuídas na produção do real.

A pista da análise, *O problema da análise em pesquisa cartográfica*, de Leticia Renault e Maria Elizabeth Barros de Barros, é uma dimensão importante de qualquer metodologia de pesquisa. Como esta se realizaria para a cartografia? Ao afastar-se da noção de “dado”, a análise cartográfica ganha novas perspectivas: ela não busca revelar um sentido, ela multiplica os sentidos possíveis. Com isso, a análise deixa de ser uma etapa ou um procedimento, para tornar-se um *ethos* presente ao longo de toda a pesquisa.

A oitava pista, *Sobre a validação da pesquisa cartográfica: acesso à experiência, consistência e produção de efeitos*, de Eduardo Passos e Virgínia Kastrup, traz uma questão crucial para o campo da pesquisa: a validação. Como validar uma pesquisa cartográfica? Podem-se distinguir pesquisas cartográficas bem e malsucedidas? A pista da validação parece constranger as diretrizes do método cartográfico, a menos que se force os limites do conceito de validação. Definimos, nesta pista, uma diretriz e três indicadores de validação para as pesquisas cartográficas, além de propormos três níveis de avaliação: a autoavaliação realizada pelo próprio pesquisador, a avaliação pelos participantes da pesquisa e a avaliação por pares.

Na seção *Transversalidades*, ampliamos a discussão através da presença de convidados. Eles nos trazem novas reflexões. Em *Cartografia imaginada da Mangueira*, de Carmen Opirari e Sylvie Timbert, questões são suscitadas pelos meandros de uma pesquisa de campo realizada com crianças do morro da Mangueira na cidade do Rio de Janeiro. Somos apresentados aos desdobramentos da elaboração coletiva de uma metodologia de pesquisa e, como aprendizes de cartógrafos, somos levados a seguir as crianças. Estas, ao agirem como guias pelos labirintos do morro em que moram, nos fazem ser afetados pela intensi-

dade de uma cor, a fragilidade de uma palavra, a poesia de uma história, compondo com eles um caleidoscópio, sempre precário, prestes a oscilar na direção de outras imagens.

O trabalho apresentado na segunda *Transversalidade*, *As durações do devir: como construir objetos-problema com a cartografia*, de Tania Mara Galli Fonseca e Luis Artur Costa, problematiza o conceito de objeto na prática cartográfica. Como podemos falar de objetos, duração e estabilidade em um mundo feito de vertigem e puro fluxo? Para tanto, o dualismo entre estável e instável é ultrapassado na direção de uma ontologia metaestável e efetivada por meio da produção de um conceito de objeto adequado ao empirismo transcendental e suas virtualidades. Nesta medida, o conceito de objeto extrapola os dualismos entre os fluidos e os sólidos: objeto-acontecimento, objeto-problema.

A última *Transversalidade*, *Jogo das perguntas: o modo operativo “AND” e o viver juntos sem ideias*, de Fernanda Eugenio e João Fiadeiro, nos convoca à discussão através do jogo das perguntas “como viver juntos?” e “como não ter uma ideia?”. Este jogo compõe o Modo Operativo AND, sistema que emergiu da contaminação recíproca entre a Composição em Tempo Real e a Etnografia como Performance Situada. No plano “como viver juntos?”, o jogo tem o ritmo da improvisação coletiva em tempo real. No plano “como não ter uma ideia?”, o jogo assume o ritmo da investigação solitária e a temporalidade da depuração: é o jogo que jogamos ao executar uma tarefa ou criar uma obra, em qualquer área de atuação.

Apresentadas as questões que nos ocupam no momento, convidamos, agora, o leitor para também participar desse projeto e nos acompanhar nessas discussões cuja preocupação, longe de construir um método único e fechado, é ampliar as bases da pesquisa na direção de metodologias plurais e em constante processo de produção.

*Eduardo Passos, Virgínia Kastrup, Silvia Tedesco*